

Pedagogia da Esperança – Um breve resumo.

Matheus Augusto Mendes Amparo¹

Livania Ortiz Ferreira²

Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti³

Em sua obra 'Pedagogia da Esperança', Paulo Freire retoma a sua principal obra: Pedagogia do Oprimido, para repensá-la, revivê-la. O livro é dividido em três momentos. No primeiro momento do livro, Paulo Freire nos conta as experiências da infância e da adolescência com filhos de trabalhadores rurais e urbanos, a submissão ao patrão, convivência com a malvadez dos poderosos. Ele diz que quando foi convidado para trabalhar no SESI, começou a preocupar-se com o contexto da educação brasileira, com as relações entre escolas e famílias, da necessidade de buscar diálogos entre elas, maior presença da família nas escolas e participação democrática. Então, declara a urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores (todos que fazem parte da escola), frisando as práticas democráticas, resultando na intervenção dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola.

Freire acredita que os educadores e educadoras progressistas devem ter seu trabalho fundamentado na consciência da realidade vivida pelos educandos, do seu "aqui", do seu "agora", e, jamais reduzir-se ao simples conhecer de letras, palavras e frases vazias de significado, alheias ao seu mundo. A educação sozinha não transforma o mundo, mas ajuda nessa transformação.

¹ Graduando em Pedagogia da UNESP/FCT de Presidente Prudente - SP. E-mail: matheus_mendes17@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia da UNESP/FCT de Presidente Prudente - SP. E-mail: livaniaortiz@hotmail.com

³ Docente do Departamento de Educação da UNESP/FCT de Presidente Prudente - SP. E-mail: rotta@fct.unesp.br

Por isso, a tarefa da educação democrática e popular é a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo *blá blá blá* autoritário dos educadores, mas sim uma linguagem que trate sobre a realidade dos educandos. Para o educador não há outro caminho senão assumir o momento do educando e não encher o silêncio com palavras. Com este pensamento, Freire aprendeu uma questão fundamental: que a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo, que depois implica numa releitura para transformá-lo.

Iniciando o segundo momento do livro, Freire trata de aspectos da pedagogia do oprimido que tenham ou não provocado críticas ao longo do tempo, como uma forma de querer se explicar melhor, de clarear, afirmar e reafirmar posições. Uma das primeiras críticas a receber foi em relação à linguagem machista utilizada no livro, que trazia na Pedagogia do Oprimido, pois ele falava sempre aos homens de maneira que as mulheres estivessem inseridas, não era apenas um problema de linguagem mais de ideologia, pois se falassem mulheres os homens não se sentiriam inseridos, isso vem da forma colonial de discriminação da mulher. Em razão disto, Freire passa a escrever em uma linguagem não mais colonial, pois acredita que mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo, passando a superar a linguagem machista. Ainda discute que não devemos esperar que ao mudar a linguagem mudasse radicalmente o mundo, mas faz parte do processo para a mudança.

Houve também críticas à pedagogia do oprimido referente à ininteligibilidade do texto, cuja quais criticam a linguagem utilizada por Freire por ser quase impossível de ser entendida. Então ele diz que não vê um legítimo estudante de pedagogia que fecha um livro quando a leitura passa a ficar mais complicada, sem ao menos pegar em um dicionário para compreender o sentido de palavras, ou espera nas próximas paginas captar seu significado. Consultar dicionários é parte do processo de estudo, a leitura é um processo amplo que exige tempo, paciência e a paixão de conhecer.

Freire relata que a tarefa do educador seria fácil, se fosse reduzido ao ensino de conteúdos, porém, isso seria uma prática neutra e isso não deveria existir, pois a leitura e a escrita passa pela leitura do mundo, já que ensinar não é simples transmissão de conhecimento, ensinar só é valido quando os educandos se apropriam da significação profunda do conteúdo ensinado. O ato de ensinar, estudar e de aprender é difícil e exigente, porém prazeroso. É preciso que educadores sintam a alegria nele embutida, de que sua competência faz parte, pois um professor que não leva a sério sua prática docente se anula como professor. Passar do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico é um direito da classe popular, não possibilitar que vão além de suas crenças revela uma ideologia elitista negativa. Os educandos têm o direito de superar o saber de senso comum partindo dele passando por ele. Desafiar educandos é dever do

educador progressista, não impondo princípios e muito menos negando informações e jamais se deve subestimar ou negar os saberes de experiência feitos.

Mais uma crítica a Pedagogia do Oprimido foi exposta por Freire. Esta pautava-se no estranhamento pela não referência às classes sociais e que ao invés dessas, trabalhava com o conceito de oprimido e esta palavra teria deixando-os de tal maneira confusos e indecisos. Trabalha com este conceito também visando à importância da subjetividade do sujeito e não reduzindo-o ao reflexos das estruturas socioeconômicas. A luta de classes é um dos motores da história, outro motor é ter um sonho, mas só a utopia verdadeira quando implica a denuncia do que é intolerável e o anuncio de um futuro a ser criado. O futuro não pode ser pré-imposto, pois assim não há lugar para a utopia, o sonho, não há lugar para a educação só para o adestramento. Por isso do ponto de vista dos interesses das classes dominantes, quanto menos dominantes sonharem um sonho, tanto melhor dominarão as classes dominantes. O autor não entende que os seres humanos simplesmente vivam, mas são capazes de transformar a vida em existência que enquanto existente, os seres se tornam aptos em lutar e buscar a igualdade de possibilidades. Não é possível a utopia sem o gosto pela igualdade e também, a esperança de lutar.

Ele também diz que o educador ou educadora progressista deve empenhar-se na luta incessante em favor da democratização da sociedade, e para isso é preciso que haja democratização da escola também e que não devemos esperar que a sociedade se democratize primeiro, é preciso que a mudança se faça presente na escola.

E são através das aulas que o educador deve exercer uma prática democrática, porém, Freire critica as aulas na qual o educador se considera exclusivo do educando e mantém uma relação vertical perante a turma, na qual apenas transfere o conhecimento a eles. Ele recrimina também aquelas aulas onde o professor anula a capacidade de pensar do educando, aulas em que parecem com ‘cantigas de ninar’, aulas em que ‘domesticam’ os educandos.

Entretanto, para Freire há outro tipo de aula na qual ele defende que é o diálogo pedagógico, na qual o educador faz uma pequena exposição do tema e depois haverá uma discussão com os alunos sobre a própria exposição. Neste sentido, na pequena introdução o professor vai desafiando os alunos sobre o assunto em questão para depois na discussão o tema ser aprofundado.

No terceiro e último momento do livro, Freire relata fatos, acontecimentos e encontros na qual participou em relação ao seu livro ‘Pedagogia do Oprimido’. Então, ele começa falando de suas reflexões a respeito dos operários em um dos países em que estava morando. É utilizado o termo ‘cansaço existencial’ para explicar a situação destes trabalhadores que tinham que deixar

seu país de origem por falta de empregos e acabavam aceitando trabalhar em outros países em empregos sub-humanos. Esse cansaço não é somente cansaço físico, mas principalmente espiritual, que deixava as pessoas por ele assumidas vazias de ânimo, de esperança e tomadas, sobretudo, do medo da aventura e do risco.

Cansaço que é gerado em razão do medo que este oprimido sente do opressor, ou seja, de seu chefe. É o medo que o inibe de lutar e de buscar uma melhor situação, melhores condições de trabalho, etc. Então Freire diz que ‘uma das tarefas da educação popular progressista, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza.’

E para mudar esta situação, Freire dá um exemplo de um operário militante que queria discutir política para buscar melhores condições, e então este operário diz a Freire que marcou um dia para essa discussão, porém quase ninguém foi. Então teve a ideia de descobrir o que cada um dos colegas mais gostava de fazer nos fins de semana. Ele descobriu que a maioria costumava jogar cartas, assim o militante tratou de especializar-se em cartas e começou a participar dos encontros com o pessoal que jogava. Durante o jogo, com a carta na mão, sem olhar a nenhum dos companheiros, eu perguntava: souberam o que ocorreu ontem em Madrid? 'Não', diziam. 'A polícia espancou e prendeu vários companheiros nossos porque reclamavam coisas mínimas'. E então disse a Freire: 'Isto prova que, se queremos trabalhar com o povo e não só para ele, precisamos saber qual é o seu jogo.' E para Freire, isso nada mais é do que a leitura do mundo, da compreensão do mundo que estejam tendo os educandos, no caso os operários.

Outra experiência que Freire conta é de quando foi chamado para ajudar a formular um programa de educação infantil para filhos dos operários na Suíça. Os trabalhadores espanhóis que conversavam estavam convencidos da necessidade que tinham seus filhos de estudar com seriedade, de aprender. O que não estava acontecendo. As crianças estudavam em período integral em uma escola totalmente alienante. O interesse dos trabalhadores era o de diminuir o risco de alienação que seus filhos corriam, indiscutivelmente competente, do ponto de vista dos interesses dominantes; de outro, estimular nas crianças uma forma crítica de pensar, como já salientei. E foi daí que surgiu o seu projeto, de uma escola que problematizava sua prática e por isso pediram ajuda a Freire para sua concretização.

E a partir disto, surge a importância de se existir uma escola problematizante, que seja contra programas assim, domesticadores, uma escola de educação aberta, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto da pergunta, a paixão do saber, da curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco sem o que não há criação.

Freire também critica a pós-modernidade, pois diz que 'a pós-modernidade está na forma diferente, substantivamente democrática, de se lidar com os conflitos, de se trabalhar a ideologia, de se lutar pela superação constante e crescente das injustiças e de se chegar ao socialismo democrático.'

E então termina o livro dizendo que a Pedagogia da Esperança é a esperança que nós temos de sonhar e buscar a felicidade, um mundo mais justo mesmo existindo tantas dificuldades. E é tarefa do educador progressista fortalecer a esperança do oprimido e contribuir para a formação de uma compreensão crítica da realidade apontando as contradições do sistema social e as possibilidades de mudanças.

Por tanto, a Pedagogia da Esperança é um livro que possibilita uma considerável reflexão sobre a prática na educação de jovens e adultos, na qual o educador pode e deve não só ter esperanças por melhores condições de trabalho e pela aprendizagem eficaz de sua turma, mas principalmente incitar a esperança para com seus educandos, mas não no sentido utópico e sim no sentido de luta e nas possibilidades de mudanças e melhorias em suas vidas. E as histórias lembradas por Freire evidenciam que as pessoas, no caso os educandos, precisam ser estimulados pelos educadores a lutarem por estes aspectos, uma vez que segundo os próprios exemplos de Freire no livro, estas vivenciam uma situação de opressão, causadas pelas desigualdades sociais, má distribuição de renda, falta de empregos ou empregos sub-humanos. E é a partir da Educação de Jovens e adultos, na qual muito desses oprimidos se fazem presentes, que se pode começar a por em prática uma Pedagogia da Esperança, mesmo sabendo que de acordo com Freire, não é com 'a esperança que se ganha à luta' [...] 'mas sem ela a luta fraqueja, a esperança precisa de uma prática, pois não há esperança na espera. Neste sentido a tarefa do educador é educar para a esperança não importa os obstáculos, pois sem ela pouco pode fazer porque dificilmente lutaremos. '

Referências bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p.